

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS**  
**LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**FRANCISCO RAMOS, ‘um novelo de linha que você vai, vai, vai...’:**  
memórias Sateré Mawé sobre os processos de formação e institucionalização de  
Samaúma e Babaçutuba<sup>1</sup>

Evelyn Ramos Mafra<sup>2</sup>

João Marinho da Rocha<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este texto é aspecto de uma pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, que tem como tema: **FRANCISCO RAMOS, ‘um novelo de linha que você vai, vai, vai...’:** memórias Sateré Mawé sobre os processos de formação e institucionalização de Samaúma e Babaçutuba. Ancorada no campo da História Social (Castro, 1997; Barros, 2005), dialoga com a metodologia da História Oral (Albeti, 2008) que permitiu os registros das memórias das pessoas relativas aos processos de formação e institucionalização das referidas comunidades. Fez-se um roteiro temático para as análises das entrevistas mostram que a formação da comunidade se deu com a vinda da família Ramos do Marau-Maués<sup>4</sup> (área indígena) e a família Marinho juntamente com a chegada da igreja católica naquela localidade. Em seguida as oficializações/institucionalização do local como uma comunidade e uma comunidade indígena ambas passaram a ter registros e uma organização seguindo as normas postas por elas. É um estudo que vivencia outras histórias, a partir das memórias personagens indígenas Sateré-Mawé<sup>5</sup>.

**Palavras-Chave:** Memória, História e Trajetória do Povo Sateré-Mawé, em Boa Vista do Ramos.

## INTRODUÇÃO

Para onde apontam as memórias de pessoas comuns referenciadas em espaços tradicionais do povo indígena Sateré-Mawé? Na presente pesquisa sob a temática: “**FRANCISCO RAMOS, ‘um novelo de linha que você vai, vai, vai...’:** memórias Sateré Mawé sobre os processos de formação e institucionalização de Samaúma e Babaçutuba”, procuramos

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em História. 2024

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA/CESP; E-mail: [erm.his19@uea.edu.br](mailto:erm.his19@uea.edu.br)/[evelynmafra2019his@gmail.com](mailto:evelynmafra2019his@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor adjunto no curso de História da Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA/CESP. Grupo de Estudos Históricos do Amazonas-GEHA; Núcleo de Estudos Afro-brasileiros-NEAB/UEA; E-mail: [jmdrocha@uea.edu.br](mailto:jmdrocha@uea.edu.br)/[jmrocha.hist@hotmail.com](mailto:jmrocha.hist@hotmail.com)

<sup>4</sup> Terra Indígena do Andirá-Marau compreende atualmente uma área de 788.528 ha e perímetro de 477,7 km., Parintins (30.994 ha) e Barreirinha (143.044 ha), e no Estado do Pará pelos municípios de Itaituba (350.615 ha) e Aveiro (115.253 ha).

<sup>5</sup> Sateré significa “lagarta de fogo”, Mawé quer dizer “papagaio inteligente e curioso”. E a língua é o Mawé, do tronco linguístico tupi”.

elucidar essa e outras questões. Para tanto, partimos de uma abordagem teórico-metodológica no qual nos ancoramos no campo da História Social (Barros, 2005), e da metodologia da História Oral (Meihsy, Carlos. 1996), trazendo temas como aqueles relativos as questões da memória e do tempo presente.

O artigo está organizado em quatro sessões, a primeira sessão História Social, Memória e História Oral: Considerações de trajetórias de comunidades com três sub tópicos, ressaltando a importância da história social que aborda o funcionamento e organização social de cada indivíduo e grupo social que está inserido, buscando através da Memória e História Oral as origens de fundação da Comunidade Samaúma e Aldeia Babaçutuba.

Na segunda sessão Memórias da Formação Histórica das Comunidade Samaúma e Aldeia Babaçutuba com dois sub tópicos Samaúma e Babaçutuba, abordando o processo de institucionalização de cada localidade, vale ressaltar que a Comunidade Samaúma e Aldeia Babaçutuba se localiza no mesmo terreno tendo como divisão a Travessa Castro informado no croque da comunidade Samaúma. Os moradores se interligam entre os dois locais para participarem de reuniões, festejos religiosos e o acesso à escola, a na comunidade Samaúma pessoas que se identificam como indígenas Sateré-Mawé e pessoas que não se identificam como indígenas.

Terceira sessão Sobre os Processos de Institucionalização, o papel da igreja católica neste processo inicial de fixação para início da catequização, do envolvimento das famílias que passaram a habitar o terreno, na construção da capela e as participações dos jovens nas celebrações religiosas.

Quarta sessão Das Práticas Sociais, de Trabalho e Sociorreligiosas, trata da forma de organização que os missionários católicos desenvolveram na comunidade e do envolvimento das famílias.

**HISTÓRIA SOCIAL, MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL.** Considerações teórico-metodológicas nos processos de visualizações de trajetórias de comunidades.

A História Social aborda os diversos campos à qual está incluída, surgindo no campo da historiografia no qual o historiador tem acesso a uma grande dimensão de processos históricos,

como História Econômica e História Cultural. Examinando as diferentes áreas da sociedade, para observar como determinado grupo social foi afetado e como reagiu aos acontecimentos da época e local em questão, analisando um subconjunto específico da sociedade (Barros, 2005).

Sobre o campo da História social, José D'Assunção Barros diz:

Uma categoria que é obviamente uma das mais importantes para a História Social: a dos 'processos' (industrialização, modernização, colonização, ou quaisquer outros, inclusive as revoluções, que aparecem incluídas na rubrica 'movimentos sociais'). É muito importante indicar que a História Social também estuda estes 'processos', e não apenas modos de organização ou estruturas, pois caso contrário a História Social poderia ver ser visto como uma História estática, e não dinâmica. (Barros, 2005, p.13).

Os processos de formação e de institucionalização das comunidades Samaúma e comunidade indígena Babaçutuba, portanto dialogam com essas assertivas de Barros. Aberta a uma vasta possibilidade de sentidos, a História mesmo centrada a história econômica e história cultural também é história social, pelas abordagens dos indivíduos a preocupação em cada informação pode ser tratada socialmente. A exemplo dos processos como a chegada dos indígenas do Povo Sateré-Mawé na região do Rio Massauari, dos processos de formação no novo local, bem como da institucionalização desse espaço como comunidade.

### ***História Social***

Estudo direcionado ao social surgindo em meados do século XX, a História Social aparece no meio historiográfico como um campo ao qual se faz necessário o historiador analisar qualquer processo histórico. Nesses aspectos trabalha em todas as formas em que a sociedade está encaixada, analisando não somente o ponto de vista da massa, mas como da minoria (Barros, 2005).

O referido campo está preocupado com o poder institucional e com os micropoderes, passando por todas as esferas da história. Como a importância de registrar a história do povo indígena que se deslocou da área indígena Marau, município de Maués, para a comunidade Samaúma e comunidade Babaçutuba (Barreirinha), a história social nos leva a dar atenção nas coletas de todas as evidências da causa da locomoção e a formação da comunidade indígena Babaçutuba e comunidade Samaúma. “A história social passa a ser encarada como perspectiva

de síntese, como reafirmação do princípio de que, em história, todos os novos de abordagem estão inscritos no social e se interligam” (CASTRO, 1997, p 157).

Em um formato no qual problematiza os acontecimentos e os locais onde se passa, fazendo observações do comportamento neste caso dos dois grupos relacionados a pesquisa, dos indígenas Sateré-Mawé e os não-indígenas, observando a relações entre si e as lacunas sociais. A presença da antropologia no campo da história social fazendo o entrelaces de mapeamentos tornando evidente mitos, rituais e imagens como fonte, despertando diferentes modos de abordagens. “Um intenso intercâmbio com a antropologia permitiu transformar mitos, rituais e imagens em fontes históricas” (CASTRO, 1997, p 164).

Os sociólogos por muito tempo fizeram parte do campo da história social. Hebe Castro, ressalta três importantes áreas como a história social da família, história social do trabalho e história social do Brasil Colônia e da escravidão.

### ***Memória***

A memória se encontra em diferentes aspectos sejam ela coletiva ou individual, (Pierre Nora, 1985), afirma que a memória pode estar relacionando aos monumentos e paisagens que nos rédea, visando que os mesmos nos acompanham por um longo período histórico.

Entre eles incluem-se evidentemente os monumentos, esses lugares da memória analisados por Pierre Nora, o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias. (Pierre Nora, 1985).

Com a sua função social de separação da memória oficial e a memória subterrânea, a memória trabalha em transmitir memórias em forma de “troca de saberes” a próxima geração para que a memória cultural, ancestral não desapareça (Pollak, 1989). Preocupada com isso dona Raimunda Célia Pimentel repassava a memória da chegada do seu esposo Francisco Ramos nas proximidades do Rio Massauari, após fugir da aldeia indígena Marau-Maués. Michael Pollak afirma:

A sobrevivência, durante dezenas de anos, de lembranças traumatizantes, lembranças que esperam o momento propício para serem expressas. Essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem viva. (Pollak, 1989, p. 5).

As memórias que foram passadas para a nova geração da família Ramos e assim sucessivamente para as demais famílias, que através desta pesquisa iram obter conhecimento da primeira família que foi dona do terreno que hoje está localizada a comunidade Samaúma e comunidade Babaçutuba. Nisso, a memória acaba sendo crucial para definição de pertencimento de lugar.

Michael Pollak afirma:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”, no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. (Pollak, 1989, p. 04).

É importante destacar o quanto é crucial a memória no processo de não esquecimento de suas origens. O saber transmitir a cultura do seu povo através da memória que nos acompanham de geração a geração. Possibilitando a uma desigualdade na pesquisa em dado momento em que as memórias se encontram, (Delgado, 2009, p. 11). Mais ainda, “Tempo, memória, espaço e história caminham juntos. Inúmeras vezes, através de uma relação tensa de busca de apropriação e reconstrução da memória pela história”. (Delgado, 2009. p 10).

### ***História oral***

Em busca de compreender e ao mesmo tempo tornar claro através da História Oral a trajetória do Povo Sateré-Mawé na comunidade Samaúma, partimos de uma abordagem oral em entrevista tomando sempre os devidos cuidados durante o desenvolvimento dessa pesquisa nos permitindo a ter o acesso “à história dentro da história” (ALBERTI, 2005).

Ter uma interpretação sobre o que ocorreu no passado e sobre os acontecimentos para compreender o presente a história oral é um trabalho subjetivo que se precisa também ser observado que através de entrevistas com pessoas vivas obter informações desde as raízes

(ALBERTI, 2005), sobre formação da Comunidade Samaúma e Comunidade indígena Babaçutuba.

Sobre a metodologia José Carlos Sebe Bom Meihy afirma que:

A história oral responde à necessidade de preenchimento de espaços capazes de dar sentido a uma cultura explicativa dos atos sociais vistos pelas pessoas que herdaram os dilemas e as benesses da vida no presente. A história oral se fundamenta no direito de participação social e nesse sentido está ligada à consciência de cidadania (Meihy, 1996 p. 24).

É, portanto uma metodologia que garante o direito a memória de pessoas como das comunidades que estudamos. Suas memórias registradas pela metodologia dão suportes para outra História social dessas realidades para além das narrativas eclesiásticas, por exemplo. Nesse sentido, as entrevistas permitem uma inteiração e interpretação do sujeito, ambiente e o principal que é o ocorrido (ALBERTI, 2005).

A História Oral nos permite a possibilidade de uma pesquisa além de fontes documentais como a em forma de entrevistas com fontes vivas. Desta forma as memórias de personagens mais idosos e suas conexões com os processos de formação social dessas comunidades como relatado nesta pesquisa que um grupo indígena da etnia Sateré-Mawé.

Consta nos arquivos de memória que traremos mais adiante quando estivermos falando dos processos de formação, que em virtude de conflitos sofridos, no qual as crianças da comunidade indígena Marau-Maués eram assassinadas por um grupo ainda não identificado nos arquivos de memória orais. Isso cria duas suposições, a primeira em um grupo indígena da etnia Mura e a segunda os Brancos para fins de “extermínio” de crianças indígenas Sateré-Mawé, causando a fuga de cinco famílias Sateré-Mawé da área indígena Marau-Maués para as proximidades de Boa Vista do Ramos, se fixando as margens do Rio Massauari.

Vale destacar a importância da escuta e de manter um bom diálogo em que o entrevistado se sinta à vontade, permitindo a relação entre o entrevistador e o entrevistado. Nesse sentido, a metodologia da História oral aborda este campo de pesquisa viabilizando o acesso a informação que será necessária para o prosseguimento do trabalho de pesquisa e extrair o máximo de conteúdo utilizando mais de uma fonte, a história oral é uma forma de guardar e abstrair memórias que são repassadas por geração. Verena Alberti diz que:

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participam de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que o destino será dado ao material produzido. (Alberti, 2005, p. 155).

O planejamento de viagem para a realização das entrevistas aconteceu no período de férias para que não houvesse conflitos com as aulas, da seguinte forma, a viagem de Parintins com duração de 09:00h de barco até o Município de Boa Vista do Ramos, de BVR para a comunidade Aninga com duração de 01:30h de carro, mais 01:30h até chegar no sítio Ramos e 01:00h de viagem fluvial de “rabeta<sup>6</sup>” até a comunidade Samaúma e comunidade indígena Babaçutuba.

O roteiro de entrevista preparado para que o entrevistado estivesse à vontade, a primeira entrevista ocorreu na casa do atual presidente da comunidade Samaúma, seu Antônio Michiles, na presença de um de seus filhos e sua esposa dona Ivanice, no dia 10 de agosto de 2023.

A segunda e terceira entrevista aconteceram no sítio da família Ramos com Franciele Pimentel Ramos e Maria Telma Pimentel Ramos, ao redor da mesma mesa que a mãe dona Raimunda Célia Pimentel relatava a memória sobre a história de seu esposo Francisco Ramos, a entrevista ocorreu no dia 11 de agosto de 2023.

**Fig. 01.** Almoço em família



Fonte: Acervo família Ramos, 2023.

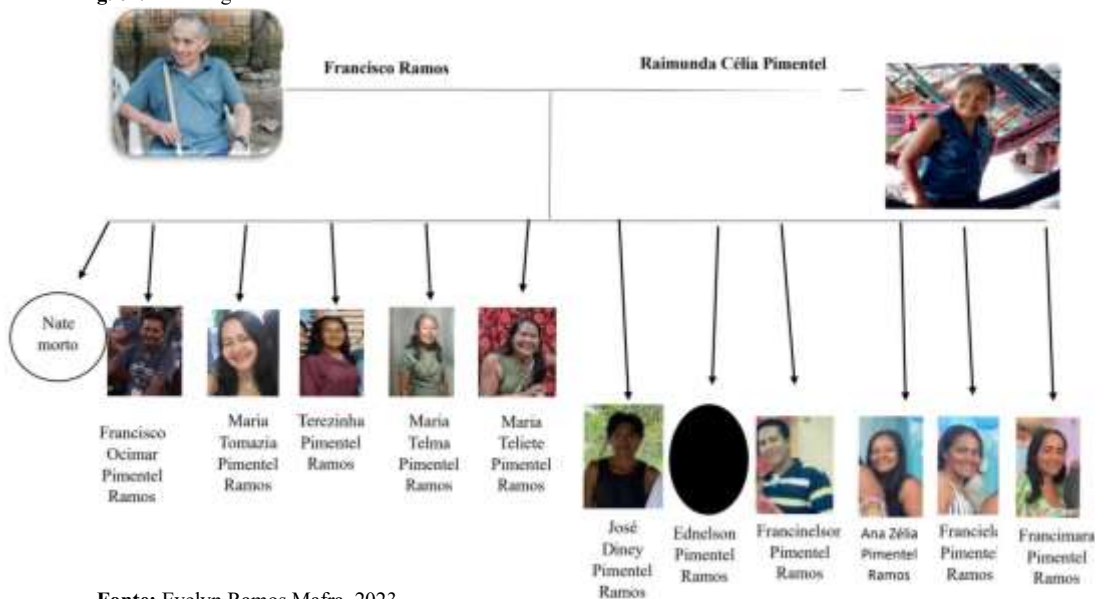
---

<sup>6</sup> Pequeno motor de propulsão que, acoplado na traseira de pequenas embarcações ou barcos, é conduzido manualmente, com a ajuda de um bastão que determina as direções.

Com início das entrevistas os entrevistados passaram a recordar vários acontecimentos com a chegada do povo Sateré-Mawé na região. É importante ressaltar a papel da mulher nesse contexto de pesquisa, que através das memórias que dona Raimunda Célia Pimentel e de suas filhas surgiu este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Abordando a trajetória de Francisco Ramos da etnia Sateré-Mawé do Marau-Maués Área indígena para as proximidades do Rio Massauari no ano de 1948 com 8 anos de idade, Francisco Ramos atualmente em 2024 se encontra com 83 anos de idade, viúvo de dona Raimunda Célia Pimentel, pai de 12 filhos, imagem 02<sup>7</sup>

Seu filho mais velho faleceu ainda bebê, segundo filho Francisco Ocimar Pimentel Ramos com 10 filhos, atualmente reside na Aldeia Babaçutuba com sua família ocupando o cargo de capataz<sup>8</sup> na comunidade indígena, Maria Tomazia Pimentel Ramos com 5 filhos residente atualmente em Manaus, Terezinha Pimentel Ramos com 4 filhos reside atualmente no sítio, Maria Telma Pimentel Ramos com 4 filhos, Maria Teliete Pimentel Ramos com 2 filhos, José Diney Pimentel Ramos com 3 filhos, Ednelson Pimentel Ramos falecido ainda criança, Francinelson Pimentel Ramos com 1 filha, Ana Zélia Pimentel Ramos, Francielia Pimentel Ramos com 3 filhos e Francimara Pimentel Ramos com 4 filhos. Francisco Ramos nasceu em maio de 1940 filho de criação de sua tia Verônica Morzinha Ramos e registrado em cartório e de José Ramos. Foi presidente na comunidade Samaúma em sua juventude.

Fig. 02. Genealogia da de Francisco Ramos e Raimunda Célia Pimentel



Fonte: Evelyn Ramos Mafra, 2023

<sup>7</sup> Na imagem 02, podemos observar os filhos, netos e bisnetos de Francisco Ramos e Raimunda Célia.

<sup>8</sup> atua como subchefe da aldeia.

Francisco Ramos foi morador do Rio Massauari no sítio da família Ramos por 74 anos e a 2 anos devido problemas de saúde reside na cidade de Boa Vista do Ramos por ser mais fácil a locomoção do mesmo para o hospital e estar aos cuidados de suas filhas.

Com início das entrevistas os entrevistados passaram a recordar vários acontecimentos com a chegada do povo Sateré-Mawé na região. Após as entrevistas foram transcritas e textualizadas para serem analisadas.

## **MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO HISTÓRICA DAS COMUNIDADES SAMAÚMA E COMUNIDADE INDÍGENA BABAÇUTUBA**

*Eu disse pra Evelyn que isso é um novelo de linha que você vai, vai, vai...<sup>9</sup>*

Após o início da pesquisa o processo de troca de saberes entre a nova geração e a antiga voltou a acontecer na família Ramos e nas demais pessoas da comunidade e comunidade indígena em busca de duas origens. Percebendo as conexões entre memórias Sateré-Mawé. História local e regional fazendo a ligação entre espaços que já foram habitados pela família Ramos na região do Rio Massauari.

A memória em si destaca que os monumentos são lugares de memória da mesma forma as paisagens e o indivíduo no qual a importância é permanente para manter a tradição do seu povo, também como forma de resistência em todo lugar que ocupa, desde universidades, câmaras legislativas, nós povos indígenas temos varias formas de nos fazer presentes, estando na linha de frente de manifestações e estando presente também numa luta para nos fazermos presente nos livros, não como “seres diabólicos e sem alma” como os portugueses relatavam em suas cartas na invasão de nossas terras, mas como pessoas com alma e cultura.

Para permanência das raízes Sateré-Mawé na aldeia Babaçutuba as crianças têm aula da língua materna dos costumes e crenças da etnia Sateré-Mawé, processos que são trabalhados na nova geração com a importância em transpassar a história de sua origem reforçando a ideia de pertencimento e obtendo uma memória coletiva analisando tudo ao seu redor.

---

<sup>9</sup>Maria Telma Pimentel Ramos, 2023. Entrevistada Maria Telma Pimentel Ramos, entrevista concedida a Evelyn Ramos Mafra, Comunidade Samaúma, 10 de agosto de 2023.

## ***COMUNIDADE SAMAÚMA***

**Fig. 03,** Vista parcial da Comunidade Samaúma.



**Fonte:** acervo família Ramos

O terreno onde atualmente é localizada a comunidade e comunidade indígena pertencia à dona Verônica Ramos (popularmente conhecida como Tia Vero), que atualmente existe a escola Joaquim Nobre em Homenagem a um antigo morador. A filha de dona Veronica, Ozimar Ramos juntamente com sua filha lutam para que quando for construído um posto de saúde na comunidade ele ganhe o nome de Veronica Ramos para que ela seja homenageada.

**Fig. 04.** Espaço da antiga capela



**Fonte:** Evelyn Ramos Mafra, 2023.

Com a chegada de missionários da igreja católica no processo de catequização, Verônica Ramos cedeu um pequeno espaço no em seu terreno para que fosse construída uma capela para

as celebrações litúrgicas e a catequese, que atualmente só resta ruínas (imagem 04<sup>10</sup>) devido ao tempo, após ceder parte do seu terreno para fins religiosos.

Dona Verônica Ramos foi perdendo posse e controle diante do grande fluxo de pessoas para participar das novenas e demais movimentos que os missionários realizavam no local cedido. Fato que fez com que outras famílias se locomover-se e se fixa-se nesta região para facilitar as participações nas celebrações litúrgicas. Desta forma impulsionando o crescimento da comunidade por estar localizada em um lugar de passagem<sup>11</sup>, a comercialização no início era feita em forma de troca de alimentos.

foi que nós negociamos lá no nosso terreno viveiro que era trocado, eles plantavam banana eram três pessoas três família, era a velha Fortuna que morava naquele lugar velho onde era o colégio velho o Joaquim Nobre esposo da Fortuna e pra cá a tia Vero no canto da igreja católica e ali Maria do Carmo onde meu irmão mora, e o que eles fizeram ai, um bananal grande que cada família tinha seu bananal, a Ozima com a tia Vero tinha o bananal delas, tia Fortuna tinha o bananal dela, a Maria do Carmo tinha o bananal, ai eles eram de ir lá no nosso terreno e deram com filhote de laranja e deu certo e se agradaram então eu disse, bora trocar com filho de banana e foi e trocamos e plantamos a banana e laranjeiras e inclusive algumas laranjeiras ainda existem tanto ao redor daquele colégio velho do lado de lá e com essa laranjeiro do quintal do colégio que está em vigor agora e mais esse daqui do meio tudo vem de lá do nosso terreno trocado, filho de banana filho de laranja, isso ai depois de tempo já era comunidade<sup>12</sup>. (Antônio Michiles, 2023).

As famílias se organizavam entre-se para gerar fartura na região visando o crescimento de famílias na localidade, Antônio Michiles deu início ao processo de trocas de mudas de banana por laranjeiras com a Família Ramos, Verônica mãe de criação de Francisco Ramos e sua filha mais velha Ozima Ramos faziam as trocas de mudas de plantas frutíferas com as demais famílias. Árvores que continuam presentes na comunidade resistindo ao tempo e se tornando passagens que carregam uma vasta história de um processo de inteiração social entre indígenas e não-indígenas.

As raízes<sup>13</sup> é Ramos e os Marinhos, e o Antônio Marinho, Pacheco, Domício Marinho e Manuel juntamente com Joaquim Nobre que era cunhado deles que hoje retrata o nome da escola, mas a propriedade dele, Joaquim, era bem ali oh nessa casarona, aí que era a casa do Joaquim Nobre. (Antônio Michiles, 2023).

---

<sup>10</sup> Ruínas da antiga igreja católica, atualmente na comunidade e aldeia só existe igrejas protestantes.

<sup>11</sup> Por esta centralizada entre Maués, Boa Vista do Ramos e Barreirinha.

<sup>12</sup> Antônio Micheles, Entrevista concedida a Evelyn Ramos Mafra. Comunidade Samaúma, 10 de agosto de 2023.

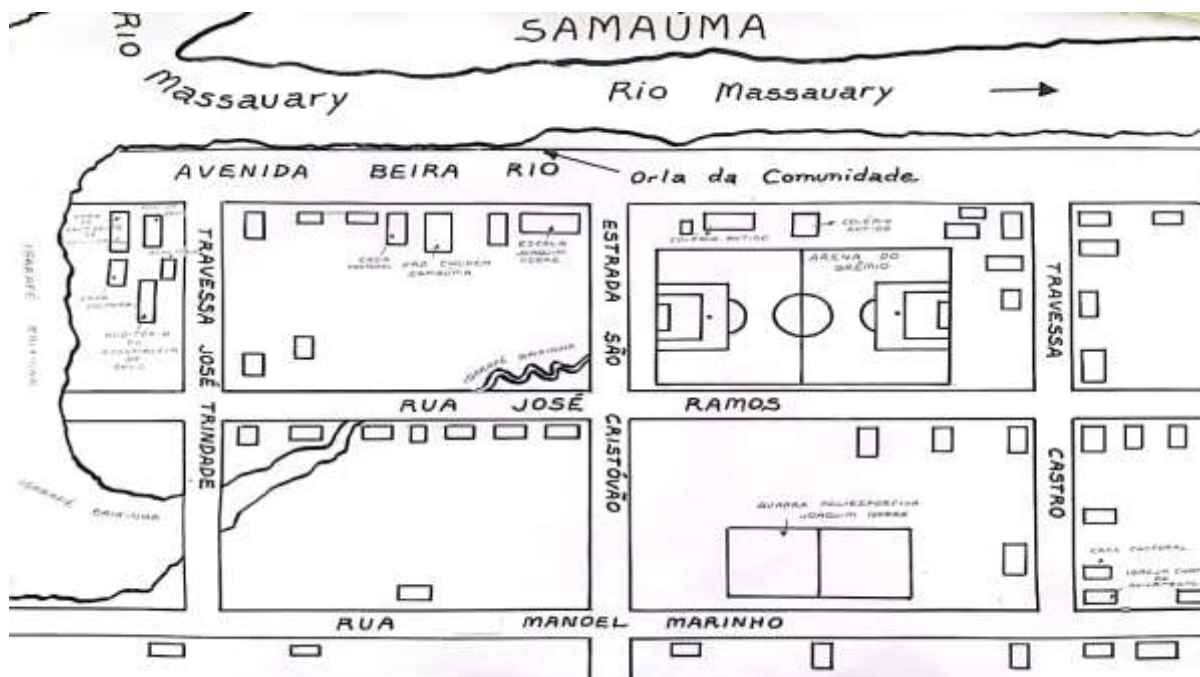
<sup>13</sup> No sentido de pertencimento, os primeiros a esta no local.

Estivemos preocupados em identificar trajetórias emblemáticas que indicam processos sociais de formação das comunidades Samaúma e comunidade indígena Babaçutuba, analisar os caminhos das memórias dos moradores das comunidades evidenciando o processo social de formação histórica dessas comunidades especificando o que Antônio Michiles da Silva cita que as raízes da localidade era a família Ramos e posteriormente a chegada das demais famílias, Marinho e família Nobre, afirmando em entrevista.

A comunidade era até pra lá oh, pra cá não, era até lá e a única propriedade que tinha aqui era desse Zé Ramos, e ai depois disso foi o tempo que a gente saiu também que a aula foi só dois anos né, e a gente vinha meninote naquele tempo ai depois não sei nem pra onde foi Zé Ramos, não sei se ele morreu, por que quando ela veio ser comunidade ele não tava mais aqui e a Tia Vero se alojou lá onde é o colégio agora Joaquim Nobre. (Antônio Michiles, 2023).

A memória reuni um conjunto de vivências de um povo em específico do povo indígena da etnia Sateré-Mawé e de ribeirinhos, é importante obter o conhecimento e domínio da terra onde vive e é constituídas famílias. A memória carrega consideráveis lutas seja por sobrevivência ou reconhecimento de espaço, sendo fundamental para todo e qualquer meio de institucionalização.

Fig. 05. Croque da Comunidade Samaúma



Fonte: Ekel Tonny Alves da Silva, Imagem 05.<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Croque foi desenhado por Ekel Tonny Alves da Silva, morador, professor da comunidade Samaúma e filho de Antônio Michiles, atual presidente da comunidade.

No croque da comunidade podemos observar que a mesma esta localizada em um lugar de passagem onde o rio Massauari seguindo para sua esquerda tem acesso a cidade de Boa vista do Ramos e Maués, a direita tem acesso até a cidade de Barreirinha ambas as direções passadas por comunidades indígenas.

No primeiro quarteirão a esquerda entre a Avenida Beira Rio e a Travessa José Trindade esta localizada a casa da família Michiles do presidente da comunidade Samaúma, Antônio Michiles, ao lado a igreja Assembleia de Deus, casa pastoral, auditório e refeitório da mesma.

No segundo quarteirão está localizada a Escola Joaquim Nobre, próximo ao local onde era a casa de Joaquim Nobre. No terceiro quarteirão está localizada às ruínas da antiga escola São Francisco onde era a casa de dona Verônica Ramos e da igreja católica da comunidade.

A família Ramos na comunidade se centraliza na rua José Ramos, Jose Ramos era pai de Francisco Ramos indígenas da etnia Sateré-Mawé, filhos Franciele Pimentel Ramos, netos Nayra Ramos, Gabriel Ramos, Rafael Ramos, Tatiele Ramos, bisnetos Gabriele Ramos, Natanael Ramos.

### ***ALDEIA BABAÇUTUBA***

**Fig. 06.** Vista parcial de Aldeia



**Fonte:** Acervo família Ramos

As memórias sobre os processos de formação de Babaçutuba são atravessadas por traumas e muita violência sofrida pelas famílias indígenas Sateré-Mawé. Esse contexto sempre foi rememorado através de memórias que Dona Raimunda Célia Pimentel, esposa de Francisco

Ramos repassava para os 11 filhos vivos<sup>15</sup> em sua casa no sítio da família Ramos (ver imagem 01), onde os colocavam sentados ao redor da mesa para ouvi-la, memórias que eram cuidadosamente repassadas para a nova geração, reafirmando também as origens da família Ramos. Em entrevista Franciele Pimentel Ramos filha de Francisco Ramos<sup>16</sup> e Raimunda Célia Pimentel, relata:

A mamãe tinha falado que quando eles vieram lá do Marau, eles vieram fugidos por que nesse tempo pra lá estavam matando crianças pequenas, eles estavam matando e eles jogavam. Ela não explicou que era, mas houve essa matança, aí foi que o vovô pai do papai trouxe eles fugidos, que nesse tempo veio a mãe da Rosa a dona Santana, veio bem uns cinco fugidos e veio o papai com a mãe dele, se eu nem sabia que a mãe dele tinha morrido pra cá, aí vieram fugidos, o papai veio com 8 anos, então desde lá com a idade de 8 anos ele não voltou mais pra lá, ele não falava, não sabia falar o português só era a língua materna, aí depois que ele foi se virando, com 9 anos ele já se virava sozinho, a andar, foi o tempo que ele foi lá com a família Dutra<sup>17</sup>.

Dona Verusca Ramos mãe biológica de Francisco Ramos, morreu devido complicações no parto e foi enterrada no cemitério nas proximidades da comunidade Samaúma e comunidade indígena Babaçutuba, em memória repassada a mesma teve 3 filhos, Antônio Ramos que reside na estrada da cidade de Itacoatiara, segundo filho na área indígena Marau-Maués com nome não divulgada e Francisco Ramos. Aos 9 anos seu Francisco era chamado de “pinã” que na língua Sateré-Mawé significa anzol, pelo seu domínio em caça e por conhecer bem a região de mata e os rios a família Dutra o adotou com um único interesse, em que ele fosse um guia para a família na região do Rio Massauari, dessa forma seu Francisco foi aprendendo a língua portuguesa.

Os Dutas eram um pessoal grande, eles eram parente da Socorro Dutra, Dutrazada que era prefeita de Barreirinha, o papai (Francisco Ramos) ele lembra um pouco e sempre vai contando. Ele foi criação dos Dutas, mas eu não sei ao certo a idade que ele foi pra lá<sup>18</sup>.

---

<sup>15</sup>Francisco Ocimar Pimentel Ramos, Maria Tomazia Pimentel Ramos, Terezinha Pimentel Ramos, Maria Telma Pimentel Ramos, Maria Teliete Pimentel Ramos, José Diney Pimentel Ramos, Ednelson Pimentel Ramos em memória, Francinelson Pimentel Ramos em memória, Ana Zélia Pimentel Ramos, Francielia Pimentel Ramos, Maria Francimara Pimentel Ramos.

<sup>16</sup> Quinta filha de Francisco Ramos e Raimunda Célia Pimentel Ramos tem 38 anos idade e reside na Comunidade Samaúma.

<sup>17</sup> Entrevistada: Franciele Pimentel Ramos, concedida a Evelyn Ramos Mafra no sítio da família Ramos em agosto de 2023.

<sup>18</sup> Entrevistada: Franciele Pimentel Ramos, concedida a Evelyn Ramos Mafra no sítio da família Ramos em agosto de 2023.

Francisco Ramos após uma idade avançada, chegou a se perder três vezes e numa dessas ocasiões chegou a ficar 4 dias e 4 noites em mata fechada no período de cheia sendo encontrados por agentes da polícia muito debilitado por sua idade em um igarapé abraçado em uma árvore de tucumã, Francisco Ramos em todos as vezes que se perdeu afirmou que estava indo aos encontros de sua mãe. Na área indígena Marau-Maués Francisco Ramos tem um irmão mais velho ainda vivo, mas por sua idade já não lembra de seu irmão.

Fig. 07. Comunitários e resgate reunidos



Fonte: Acervo família Ramos 2020<sup>19</sup>

Lá pro Marau o papai tem um irmão que é igualzinho ele só que é mais velho que ele, o papai vai fazer 83 anos agora, tia Ozima disse que quem falou pra ela foi o seu Admar que sempre ele vai pra lá pro Marau de lá de Maués ele disse que ainda é vivo. (Maria Telma Pimentel Ramos, 2023).

Francisco Ramos, não retorna a área indígena Marau-Maués desde a fuga de sua família para a região do Rio Massauari, morou em outras comunidades até se fixar na região e constituir sua família. As memórias por tabela estabelecem uma vivência quase herdada pela família ou grupo no qual a pessoa está inserida, (Pollak, 1989, p. 201). Pollak cita Philippe Joutard, o qual remete aos acontecimentos traumáticos para um determinado grupo fazendo dessa forma que as suas memórias sejam repassadas por um período longo. As lembranças relacionadas as plantações, as castanheiras, e locais que já não são habitados são consideradas memórias vividas por tabela, (Pollak, 1989, p. 202).

---

<sup>19</sup> imagem 07, estão reunidos moradores da comunidade Samaúma e Aldeia Babaçutuba após 4 dias e 4 noites em busca de Francisco Ramos em mata fechada, juntamente com seus filhos e netos, após o ocorrido Francisco Ramos foi conduzindo para o posto de saúde mais próximo pois estava muito debilitado.

A História Social concentra os seus interesses na sociedade desde uma grande região a uma cidade ou comunidade indígena. Invisibilidade da origem do povo Sateré-Mawé nessa comunidade se torna nítida, para que histórias apontam memórias de moradores da comunidade Samaúma<sup>20</sup> e comunidade indígena Babaçutuba.

Fig. 08, Croque: Comunidade indígena Babaçutuba.



Fonte: Railson Carmo dos Santos<sup>21</sup> e Elderfonso de Oliveira Mafra Filho<sup>22</sup>

No croque da Comunidade Indígena Babaçutuba podemos observar no primeiro quarteirão a casa do Tuxaua Nelles, no segundo quarteirão a casa do filho de Francisco Ramos, Francisco Ocimar atualmente é capitão e João Jociel capataz os três sendo liderança da

<sup>20</sup> A árvore rainha da Floresta Amazônica, sagrada para os povos antigos, tem 70 metros de altura e a 120 anos de vida, a Samaúma (Ceiba Pentrandia) é encontrada em florestas pluviais da América Central, da África ocidental, do sudeste asiático e da América do Sul. No Brasil, ela é bastante vista na região da Amazônia, tendo apelido de Rainha da Floresta, Árvore Mãe, Árvore da Vida.

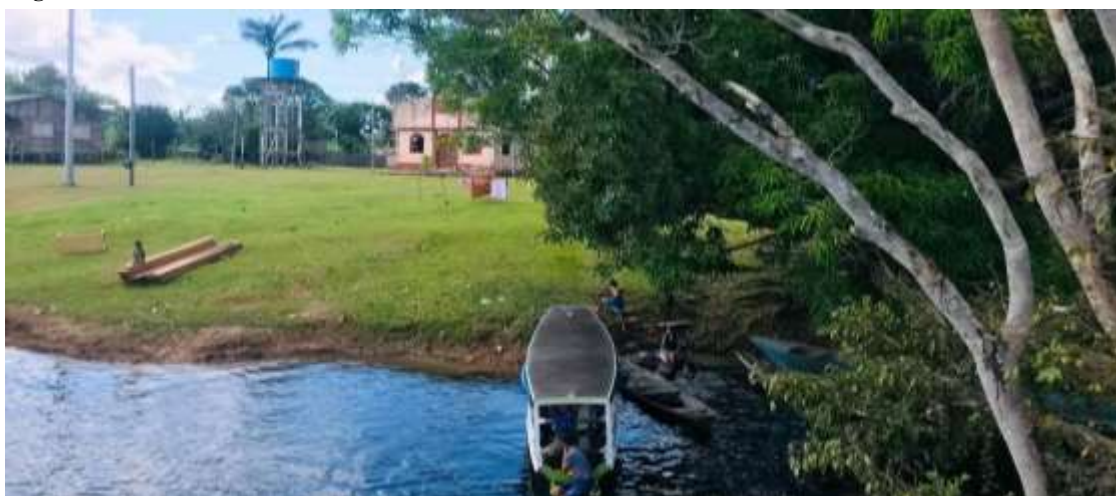
<sup>21</sup> Assistente administrativo do Centro de Estudos Superiores de Parintins, Universidade do Estado do Amazonas CESP/UEA.

<sup>22</sup> Neto de Francisco Ramos, filho de Maria Telma Pimentel Ramos e Elderfonso Oliveira Mafra, graduando no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia ICSEZ na Universidade Federal do Amazonas UFAM/Parintins.

comunidade indígena. Ainda no segundo quarteirão Igreja Ministério Chamas do Avivamento e no quarto quarteirão a esquerda a casa de José Diney também filho de Francisco Ramos e demais famílias indígenas, podemos localizar os barracões onde ocorre as reuniões da comunidade Babaçutuba.

## **SOBRE OS PROCESSOS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO<sup>23</sup>.**

**Fig. 09** – comunidade Samaúma



Fonte: Acevo Família Ramos, 2020

A região na época sem nenhuma comunidade institucionalizada tinha moradores da redondeza com nomes bem conhecidos na cidade, como Claudio dos Santos morador da boca do chibui o qual o padre fazia as visitas diretamente na casa dele e em uma dessas visitas Claudio dos Santos indicou para a visita a casa de Joaquim Nobre que morava a margem da frente do terreno onde hoje se localiza a comunidade Samaúma e a comunidade indígena

---

<sup>23</sup> Em nossa pesquisa temos abandonado um marcador analítico muito comum nos memorialistas do Baixo Amazonas que é a expressão "Fundação" da comunidade. Isto credita a existência de comunidades apenas ao marco religioso caracterizado pela edificação de uma igreja e uma estrutura religiosa católica a partir dos ritos romanos que num primeiro momento tentaram silenciar os processos anteriores de catolicismo popular e práticas historicamente hibridadas, muitas das quais não "caberiam" mais nos conceitos de "fundação", utilizamos a expressão "institucionalização". Isto significa que nossos estudos, tratamos de considerar as memórias sobre os processos anteriores a esse ato, reconstituindo aspectos das histórias sociais anteriores a isso, que chamamos de "formação", onde as trajetórias de famílias são evidenciadas e colocadas como importantes na história social dessas comunidades e a chegada do padre é um. Praa aprofundar sobre isso ver ROCHA, João Marinho da. Memória e história: processos socioculturais e religiosos de formação e institucionalização de comunidades no Baixo Amazonas. In: CARDOSO, Maria Celeste de Souza; SILVA, Maria de Lourdes Ferreira da (org.). **Jubileu da paróquia São Jose Operário: 50 anos de história e evangelização na Amazônia**. Parintins: Gráfica e Editora João XXIII, 2021.

Babaçutuba. Começando o processo de catequização na casa de Joaquim Nobre e a reunir jovens para o momento de lazer que era jogar bola.

**Fig. 10** – Aldeia Babaçutuba



**Fonte:** acervo familiar, 2020.

No processo de mudança para o terreno, com início da construção da capela houve o primeiro conflito entre os moradores para a decisão da padroeira da igreja. Joaquim Nobre com as suas duas padroeiras, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora de Fatima enquanto Santico e seus irmãos tinham como padroeiro São Francisco.

Chamados de Santos de devoção no qual eram cultuados antes da construção da igreja na residência do seu próprio devoto, e os santos padroeiros. Existem ainda os chamados “santos de devoção”, de menor importância que os padroeiros, mas que recebem culto e cujas irmandades também realizam festas anuais (GALVÃO, 1976, p. 40). Quanto mais se preocupa com a libertação do povo insere-se na divindade de Deus. Quanto mais se bebe da mística de Jesus Filho de Deus, mais se encarna na realidade sofredora do pobre (CAMPOS, 1995, p 111).

Joaquim Nobre foi trazendo da li, que deu até uma briga entre cunhados, era uma briga isso aqui, finado “kinkin” não arredou e coloco pra cima, era cunhado e fez a casa dele na ribanceira, ele era carpinteiro e fez toda a madeira da igreja e tem até hoje aquele piso nessa entrada perto do colégio. Quando estavam armando teve a briga, as imagens do velho “kinkin” era Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora de Fatima e do velho Santico e seus irmãos era São Francisco para padroeiro e Joaquim nobre queria as dele para padroeiras<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup>Antônio Micheles, entrevista concedida a Evelyn Ramos Mafra. Comunidade Samaúma, 10 de agosto de 2023.

Após a chegada dos missionários ao local que de princípio pertenceu a Verônica Ramos, famílias passaram a se fixar na localidade como a Família Marinho, Família Nobre e família Tavares. No início para manter organização na comunidade Samaúma foi criado uma comissão com tesoureira, secretaria e delegado para manter a ordem, *“tia Vero (Verônica Ramos) e a Ozima, nós trabalhávamos eu sei se era tesoureira da delegacia sindical ou secretaria era nós três, tesoureira, secretaria e delegado, nós já trabalhamos juntos”*<sup>25</sup>.

Dessa forma foi feita a organização inicial com a chegada da igreja, com dona Veronica como tesoureira, Ozima como secretaria e Antônio Michiles como delegado. A maioria das famílias que participaram desde processo de crescimento da comunidade pela falta de escola e por procurar de educação para seus filhos, tiveram que sair de Samaúma para as cidades vizinhas em busca de prosperidade e nunca retornaram, como a família de Antônio Gonzaga, Francisco Tavares e João Alves. *“tem gente que passa um tempo e volta né, mas esse daí foram pra sempre, tudo por aí tem gente, descendência por aí, mas tudo foi em busca de educação”*<sup>26</sup>.

A igreja católica está presente na Amazônia há mais de quatro séculos, com a missão de expandir o catolicismo e garantir a ocupação territorial seguindo a principal característica da Igreja que é missionaria. (CAVALCANTE, 2019, p. 36).

Com o passar dos anos a comunidade que tinha abastecimento de energia elétrica por gerador de energia que os próprios moradores se juntavam para fazer a compra de diesel passou a ter o fornecimento de energia elétrica o qual beneficia a Comunidade e comunidade indígena, assim como o abastecimento de água encanada.

Por muito tempo está região era conhecida somente por comunidade Samaúma, em busca de reconhecimento por seus moradores na sua grande maioria indígenas Sateré-Mawé, a localidade teve sua institucionalização.

Foi de fato institucionalizado a comunidade indígena Babaçutuba (imagem 12)<sup>27</sup> no dia 07/10/2017 ao lado da comunidade Samaúma, ambos moradores indígenas e não-indígenas

---

<sup>25</sup> Antônio Micheles, entrevista concedida a Evelyn Ramos Mafra. Comunidade Samaúma, 10 de agosto de 2023.

<sup>26</sup> Antônio Micheles, entrevista concedida a Evelyn Ramos Mafra. Comunidade Samaúma, 10 de agosto de 2023.

<sup>27</sup> Crianças indígenas em um momento de inteiração social em comemoração aos Dia das Crianças.

vivem sem conflitos, na aldeia moram os dois filhos homens de Francisco Ramos e Raimunda Célia Pimentel (imagem 11)<sup>28</sup>.

Fig. 11. sítio Ramos.



Fonte: Acervo Família Ramos, 2019.

Fig. 12. Aldeia Babaçutuba



Fonte: acervo família Ramos, 2023

Ocimar Pimentel Ramos intitulado capitão da aldeia Babaçutuba e José Diney Pimentel Ramos com seus filhos e netos. A comunidade conta com uma escola municipal de ensino fundamental frequentada por crianças e adolescentes indígenas e não-indígenas.

## **DAS PRATICAS SOCIAIS, DE TRABALHO E SOCIORELIGIOSAS**

Com o início das visitas dos missionários e padres na comunidade, todos os encontros de rezas e missas eram feitos e celebrados na casa de Joaquim Nobre, que tinha duas Santas, Nossa Senhora do Rosario e Nossa senhora de Fatima, ambas eram cultuadas em sua própria residência por serem santas de devoção, diferentes das celebrações dos santos padroeiros que dependiam da iniciativa de seus coletiva da sua irmandade religiosa.

A forma de catolicismo atualmente praticada em Itá, traduz muito sua origem ibérica arcaica, distinguindo-se por uma ênfase peculiar no culto dos Santos, festas de santos, e

---

<sup>28</sup> Raimunda Célia Pimentel e Francisco Ramos, sítio da Família Ramos.

irmandades religiosas. Nas festas como na organização das irmandades, elementos sagrados e profanos se misturam (GALVÃO, 1976, p. 39-40).

Então as famílias da região e proximidade da casa de Joaquim se organizavam entre elas para divisão de leituras e cantos durante a celebração. Maria Telma Pimentel Ramos até o ano de 1982 em suas férias escolares ia até a comunidade com suas irmãs para fazer leituras na missa, visto que essa era as funções divididas entre os jovens da comunidade.

Com as realizações de missa aos domingos o fluxo de pessoas aumentou gradativamente na região e os moradores que já moravam no local que logo mais se tornaria comunidade, os jovens juntamente com a igreja se organizavam para fazer a limpeza no terreno em um quadro para que fosse promovido jogos com os jovens após as missas na casa de Joaquim Nobre.

Quando começaram os padres a visitar esse lugar a missa era rezada lá, que aqui não tinha nada de comunidade só tinha morador, nós íamos pra lá com o papai e com a mamãe na missa, nós abrimos esse quadro<sup>29</sup> que ainda está limpo aqui, ainda é daquele tempo, aí funcionava o futebol, vish quando era domingo era aquela alegria aí na casa do finado “kinkin” que chamavam ele o Joaquim Nobre, aí depois de muito tempo veio a fundação da comunidade através deles que eram as raízes daqui<sup>30</sup>.

**Fig. 13.** Limpeza das ruas da comunidade.



**Fig. 15.** limpeza da frente da comunidade, 2022.

**Fig. 14.** Limpeza do campo de futebol comunitário



**Fig. 16.** limpeza da frente da escola municipal Joaquim Nobre, 2022

<sup>29</sup> Um pequeno terreno.

<sup>30</sup> Antônio Micheles, entrevista concedida a Evelyn Ramos Mafra. Comunidade Samaúma, 10 de agosto de 2023.

Fonte: acervo família Ramos



Fonte: Acervo família Ramos, 2019.

Fonte: acervo família Ramos



Fonte: acervo família Ramos, 2019.

As organizações de limpeza se estendiam até o cemitério que fica fora da comunidade, os homens e mulheres se unem para comprar matérias para limpeza e comida que será preparada para os trabalhadores, este tipo de ordem se estende até os dias atuais entre os próprios moradores para manter a comunidade organizada do mesmo modo acontece na aldeia Babaçutuba.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A história oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “História dentro da história” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado<sup>31</sup>.*

Este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, tem o objetivo de fortalecer a identidade ancestral carregada de lutas e resistência do povo Sateré-Mawé na região do Rio Massauari em específico no processo de institucionalização da Comunidade Samaúma e Comunidade indígena Babaçutuba, a qual fazem parte desta história com suas trajetórias de vida, como Francisco Ramos, Pinã<sup>32</sup>.

Abordar a história vivida e contada pelos povos originários, ter o conhecimento da nossa história e cultura é a base para que as raízes de quem de fato aqui já habitavam permaneça. Desconstruindo a imagens distorcida do indígena como seres horrendas e sem história,

---

<sup>31</sup> ALBERTI, Verena (2005). Histórias dentro da história. In: PINSK, Carla B (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155.

<sup>32</sup> Pinã na língua Sateré-Mawé que significa anzol na língua portuguesa.

permanecemos presentes com a nossa cultura na sociedade, estamos nas universidades, somos professores, médicos, doutores, mestres e lideranças.

É importante destaca o processo de institucionalização da comunidade e comunidade indígena para que fique registrado os primeiros habitantes destas localidades, frisando que a temática indígena não se restringe apenas ao passado, mas também está relacionada com o presente. Um grande exemplo são as lutas e reivindicações pelo direito ao território demarcado.

Por fim é importante destacar que, no futuro novas pesquisas ancoradas na história social com a metodologia da história oral, sobre a interligação entre a Comunidade Samaúma e comunidade indígena Babaçutuba em função dos interesses pelo reconhecimento de sua história.

## **FONTES ORAIS**

Antônio Micheles, entrevista concedida a Evelyn Ramos Mafra. Comunidade Samaúma, 10 de agosto de 2023.

Franciele Pimentel Ramos, entrevista concedida a Evelyn Ramos Mafra. Sítio Ramos, Boa Vista do Ramos (AM), 11 de agosto de 2023.

Maria Telma Pimentel Ramos, entrevista concedida a Evelyn Ramos Mafra. Sítio Ramos, Boa Vista do Ramos (AM), 11 de agosto de 2023.

## **REFERÊNCIAS**

ALBERTI, Verena (2005). Histórias dentro da história. In: PINSK, Carla B (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p 155 – 202.

BARROS, José D'Assunção. “A História Social: seus significados e seus caminhos” in LPH - Revista de História da Universidade Federal de Ouro Preto. N° 15, 2005; p.235-256

CAMPOS, Manuel do Carmo. A decadência do catolicismo popular na região parintinense (1955-1975). Revista de cultura teológica. 1995, p. 109-117.

CASTRO, Hebe, História social, in. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia/Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). – Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CAVALCANTE, Ronaldo Bentes 2019, Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia.

Delgado, L. de A. N. (2009). História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. História Oral, 6.

GALVÃO, Eduardo, Santos e Viagens: Um estudo da vida religiosa da Itá, Baixo Amazonas. 2. ed. São Paulo, ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio.” In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, V. 5, Ed.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, Ed.

ROCHA, João Marinho da. Memória e história: processos socioculturais e religiosos de formação e institucionalização de comunidades no Baixo Amazonas. *In*: CARDOSO, Maria Celeste de Souza; SILVA, Maria de Lourdes Ferreira da (org.). **Jubileu da paróquia São Jose Operário: 50 anos de história e evangelização na Amazônia**. Parintins: Gráfica e Editora João XXIII, 2021.